

LAURO BELCHIOR MENDES\*

RESUMO

Estudo comparativo do romance *Memórias Sentimentais de João Miramar* e do livro de memórias *Um Homem sem Profissão*, de Oswald de Andrade, com o objetivo de mostrar as marcas do primeiro texto sobre o segundo e o processo de escrita antropológica, presente em ambos.

Em *Um Homem sem Profissão*, Oswald de Andrade reconta a sua história pessoal, compreendida entre as datas de 1890 e 1919.<sup>1</sup> Segundo suas palavras no início do livro, foi Antônio Cândido quem lhe sugeriu a idéia de escrever suas memórias:

"Antônio Cândido diz que uma literatura só adquire maioridade com memórias, cartas e documentos pessoais e me fez jurar que tentarei escrever já este diário confessional. Pois se é preciso começar, comecemos pelo começo."

(*Um Homem sem Profissão*, p. 6)

Nesse texto de memórias, Oswald fala dos primeiros anos de sua vida e nele, com surpresa, o leitor começa a descobrir uma profunda semelhança com o universo fictício dos poemas e dos romances, sobretudo de *Memórias Sentimentais de João Miramar*: o autor recorre, cita passagens de sua obra literária para explicar outras de sua autobiografia. A esse propósito, Antônio Cândido afirma:

"Não espanta, pois, que o leitor habituado aos seus romances vá pressentindo, nas pessoas reais que nos apresenta, a humanidade própria ao Conde José Chelini, a Mauro Glade, a Jorge d'Alvelos, a Alma, a Pantico e suas irmãs, a Pinto Calçado, a Dona Lalá - aos personagens d'*Os Condenados*, do *Miramar* e do *Serafim*, cuja atmosfera e cuja composição aparecem freqüentemente com

---

\*Professor Adjunto de Literatura Brasileira, da Faculdade de Letras da UFMG, Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de Paris III.

tínuas às destas *Memórias*. E aí vemos que elas esclarecem não apenas o homem Oswald de Andrade, mas também a sua obra. E ambas nos parecem agora solidárias, inseparáveis."2

A essa constatação, gostaria de acrescentar a constante do jogo de irreverência gozadora, presente na maioria dos escritos de Oswald: vida e arte se apropriam, a escrita autobiográfica cita o texto literário para expor-se. Enfim: mesmo na escrita "séria" das memórias, o autor desdenha dos preconceitos e mantém a mesma atitude deliciosamente antropofágica dos textos literários principais.

Da mesma forma que Antônio Cândido, também Haroldo de Campos, ao falar das personagens da ficção - no caso de *Memórias Sentimentais de João Miramar* - afirma que elas

"são mais ou menos reversíveis, e configuram ... uma mentalidade-tipo, que confere sentido à paródia e lhe dá unidade e continuidade. Todas essas figuras são basicamente extraídas do ambiente em que circulava Oswald na São Paulo anterior e contemporânea à Primeira Grande Guerra. Isto se verifica facilmente através da leitura do 19 volume de autobiografia do autor."3

Assim se pode concluir que em Oswald o sentido de propriedade do discurso não existe e que o jogo da textualidade é alimentado pela não consideração das barreiras que delimitam e definem o real e o fictício.

O corpo da escrita de *Um Homem sem Profissão* é todo ele tatuado pelos poemas de *Pau-Brasil* e pelos romances, principalmente no paralelismo ou identidade de certas personagens e de certas situações. Para ilustrar esse paralelismo, restrinjo-me a *Memórias Sentimentais de João Miramar*<sup>4</sup>, deixando de lado poemas e os outros romances que trabalham também dados autobiográficos re-citados no livro de memórias.

No início da autobiografia, Oswald relembra a morte de sua mãe

"Este livro é uma matinada. Apesar de ser o livro de orfanidade. Em 1912, chegando de minha primeira viagem à Europa, e encontrando morta minha mãe, nos mudamos logo de moradia, eu e meu

pai."

(*Um Homem sem Profissão*, p. 3)

Se se coloca à parte o paralelismo dos fatos (retorno da Europa/morte da mãe — assunto das *Memórias Sentimentais*), poder-se-ia pensar que o texto romanesco se afasta da realidade vivida: no romance, a morte do pai é um acontecimento da infância de Miramar, enquanto que na autobiografia a sua presença se observa em toda a juventude do escritor. Veja-se, por exemplo, a oposição do pai de Oswald quando esse resolve se se parar de Kamiã, oposição que se manifesta na reprodução do discurso óbvio da moral patriarcal. Ora, se o narrador mata seu pai logo no início das *Memórias Sentimentais*, o espírito paterno se faz presente ao longo do texto, no extremo moralismo que domina certas personagens, ícones da alta burguesia cafeeira. A título de exemplos, cito duas passagens — a primeira de *Um Homem sem Profissão*, a segunda de *Memórias Sentimentais* — onde o espírito da moral patriarcal se encontra perfeitamente ilustrado. Nos dois casos, trata-se da mesma situação: as reações provocadas (no Pai e na Lei) pelas "infidelidades" do escritor ou da personagem.

"Acolhido a uma casa alugada na praia de São Vicente, para onde ele costumeiramente partia aos precoces arrepios do primeiro inverno, tendo a seu lado Kamiã e a criança, meu pai tropeçou como um herói clássico contra essa temeridade de eu ligar os meus dias a uma cômica, a uma mulher de teatro (grifos do autor). A sua oposição subiu e percorreu todas as ameaças, mesmo a do suicídio. Se fosse necessário, ele denunciaria pelos jornais a minha vileza e a minha indignidade. E se mataria."

(*Um Homem sem Profissão*, p. 81)

"— Sou consultor de sua tia, fui amigo de seu falecido pai, conheci seus avós. Fiz o casamento de seus tios. Sou mais um conselheiro íntimo que um advogado banal. Porém, a situação é insustentável. Sua senhora, coitada, reuniu provas esmagadoras contra o seu leviano proceder. A Sr. tem sido avistado em excessos com cômicas. A margem disso o caso financeiro negreja no horizonte. O Sr. adquiriu ra-

pidamente uma reputação de dilapidador."

(*Memórias Sentimentais*, p. 81).

Nas duas passagens, a palavra *cômica*, de sentido pejorativo, poderia perfeitamente ser substituída por uma palavra mais neutra (para as primeiras décadas do século) como atriz, por exemplo. Há uma sobrecarga de ridículo moralista no discurso do advogado, recheado de expressões temperadas pelo banal e pelo grandiloquente (o vazio e o ridículo estão em perfeito acordo com os princípios "morais" da sociedade burguesa, aliás, matreiramente expressos no título do fragmento, "Lenga-lenga").

Percorrendo os dois textos, o leitor observa também o paralelismo de várias situações em que a matéria fictícia provém da "experiência vivida", ou vice-versa: a atração exercida pelo circo, os incidentes de escola, a viagem à Europa, as reuniões de intelectuais, etc. As personagens da vida real, o próprio escritor, Kamiã, Landa Kosbach, Mme Schindelar, tornam-se na ficção, Miramar, Célia, Rolah, Mme Rocambola.

Evidentemente, no romance, não há uma simples retomada de personagens do real, mas uma transposição digerida dessas personagens. O mais surpreendente, entretanto, é a maneira de contar a experiência vivida em *Um Homem sem Profissão*: certas situações apropriam-se da ficção na medida em que se reencontram expressões ou fatos do romance, publicado trinta anos antes.<sup>5</sup>

Vejam-se, ainda, duas passagens, a primeira da autobiografia, a segunda do romance, em que aparecem os projetos de felicidade conjugal, com Landa e Célia, respectivamente:

"Sonhamos. Ela guiaria o nosso grande carro na Europa, pelos caminhos, pelas brancas aldeias. Ouviríamos a missa dos bons curas. E prosseguiríamos por países e países, olhos nos olhos, coração no coração."

(*Um Homem sem Profissão*, p. 84)

"Iriamos em tournêe à Europa. E pela tarde lilás do Bois, ela guiaria a nossa Packard 120 HP. Saíramos nas férias pelos caminhos sem mata-burros nem mamangavas nem taturanas e faríamos caridade e ouviríamos a missa dos bons curas nas catedrais da Idade Média. E prosseguiríamos por hotéis e hotéis, olhos nos olhos, etc."

(*Memórias Sentimentais*, p. 84)

É evidente que a primeira passagem devora a segunda — o que se demonstra, inclusive, no espelhamento de algumas expressões.

Após essas considerações sobre o entrecruzamento da autobiografia de Oswald e o romance, creio ser necessário reafirmar que *Memórias Sentimentais*, enquanto texto literário autônomo, não depende dessa identificação com a vida do autor. Gostaria de salientar apenas que *Um Homem sem Profissão* coloca para o leitor (para mim, pelo menos) um problema bastante curioso: o da elaboração de uma autobiografia, que tem como ponto de partida os textos literários do autor. Não se pode esquecer, entretanto, que o elemento mais importante de *Um Homem sem Profissão* continua sendo seu caráter de documentário não só da vida paulista de 1890 a 1919, mas também do próprio caminho percorrido por Oswald nessa época.

No domínio da ficção, são outras as regras do jogo e é dispensável ler as *Memórias Sentimentais* como a transposição da "realidade real" para a "realidade fictícia"; da mesma forma é igualmente inútil tomar a autobiografia como uma "chave" esclarecedora do romance.

A leitura de *Um Homem sem Profissão* mergulha o leitor novamente no contexto da antropofagia (interrompido nos anos de militância comunista, de que são testemunhos *O Homem do Povo*, *Marco Zero 1* e *Marco Zero 2* e re-instalado por *A Crise da Filosofia Messiânica*, de 1950).

No *Manifesto Antropófago* (1928), Oswald afirmava que na literatura não existe propriedade, no sentido capitalista da palavra: "Só me interessa o que não é meu." Ao citar os textos literários escritos por ele mesmo, o autor mantém a mesma atitude de devoração. Não os considerando como "propriedade", Oswald dessacraliza mais uma vez a literatura e digere o passado literário para esclarecer o passado vivido.

## NOTAS

1. ANDRADE, Oswald de. *Um Homem sem Profissão: Sob às Ordens de Mamãe. Memórias e Confissões*. 2a. ed., Rio, Civ.Bras., 1972.
2. CÂNDIDO, Antônio. Prefácio Inútil. In: *Um Homem sem Profissão: Sob às Ordens de Mamãe. Memórias e Confissões*. Edição citada na nota nº 1, p. XIII.
3. CAMPOS, Haroldo de. *Miramar na Mira*. In: *Memórias Sentimentais de João Miramar*. 4a. ed., Rio, Civ. Bras., 1972. p. XXI.
4. ANDRADE, Oswald de. *Memórias Sentimentais de João Miramar*. 4a. ed., Rio, Civ. Bras., 1972.
5. *Memórias Sentimentais de João Miramar* teve sua primeira publicação em 1924, enquanto *Um Homem sem Profissão* aparece em 1954.